

BRAIT, Beth. IRONIA EM PERSPECTIVA POLIFÔNICA, Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

Francisco da Silva Borba *

O ensaio de Beth Brait *Ironia Em Perspectiva Polifônica*, recém-publicado pela Editora da UNICAMP, é uma feliz novidade em mais de um sentido – o didático, o de orientação de pesquisa, o de sugestão de leituras, o de associação entre estudos lingüísticos e estudos literários, o de confluência dos estudos semióticos etc.

Didaticamente o livro se organiza em dicotomias – a seleção do material teórico e sua aplicação; a seleção bibliográfica e sua orientação geral (493 itens) e específica (105 itens). Na primeira parte – Percursos e percalços do estudo da ironia (p. 13/112) – percorre-se não só o conceito de ironia com retenção de seus traços definitórios essenciais, mas ainda o seu alcance interdisciplinar e, na segunda parte (p. 113/199), aplica-se a metodologia assim construída a um texto particular, o romance *Madame Pommery*, de Hilário Tácito (José Maria de Toledo Malta).

Partindo da ironia “*como conjunção de discursos e, mais especificamente, como forma particular de interdiscurso*” Brait seleciona vários posicionamentos teóricos, disseca-os para extrair deles elementos que lhe permitam não apenas entender a ironia como manifestação discursiva, mas principalmente entender suas relações com a intertextualidade e a interdiscursividade. Para chegar lá, Beth começa pela chamada “ironia socrática”, ou seja, a ironia entendida como atitude e como linguagem. Essa postura a leva diretamente ao romantismo alemão, com Schlegel, onde se engravam as concepções do filósofo dinamarquês Kierkegaard e do francês Bergson. Estas incursões filosóficas selecionam a ironia como linguagem [dimensão língua/discurso], e daí se passa para o terreno da psicanálise de extração freudiana. Isso mostra que as disciplinas que também se ocupam da linguagem (filosofia, psicologia, psicanálise etc.) só vêm robustecer estudos específicos como os da análise do discurso.

Na consideração propriamente lingüística da ironia, Beth parte do princípio de que se trata de um signo com um significante para mais de um significado. Neste ponto comenta os trabalhos básicos de Gibbs e O'Brien, de Kerbrat-Orecchioni, Bange e Authier-Revuz. É de lembrar que esses posicionamentos teóricos de espe-

* UNESP, C.Ar. / CNPq

cialistas não são apresentados de forma esquemática e árida, ao contrário, são ilustrados com tipos de manifestação irônica em várias dimensões do fenômeno comunicativo como, por exemplo, o de uma manchete de jornal: GOVERNO APELA AO SETOR PRIVADO PARA EVITAR DESCONTROLE, ilustrada com uma foto do então presidente Collor em trajes desportivos (p/37).

Selecionados e discutidos os elementos que formam o arcabouço básico para uma teoria da ironia, Beth passa a aplicá-los ao romance *Madame Pommeroy*, publicado em 1920, data bastante sintomática, quando se pensa nas grandes propostas da famosa Semana de Arte Moderna, de 1922. Com relação ao instrumental teórico adotado para a análise nada fica de fora, tudo é pertinente, até a capa da edição escolhida, que dá margem a uma interessante visão da ironia manifesta por ícones. Na análise lingüística propriamente, o que se mostra é como o a heterogeneidade, de registros ou de instâncias discursivas, é condição básica para a construção do processo irônico, pois é ela que leva a mecanismos de opacificação do discurso, e porque este, estruturado por estratégias que simulam transparência e objetividade, mas que transgridem normas e subvertem usos, promove a dessacralização, um dos elementos característicos do texto de humor. E este sempre solicita mesmo a perspicácia e a adesão do leitor. É importante notar ainda que este tipo de análise é bastante estimulante na medida em que, conduzida pela detecção de intertextos, não pode se deter no texto isolado, mas sempre em chamada de outros que o completam.

O texto de Beth Brait, estruturado de forma nítida e sólida, e expresso com elegância, adequação e simplicidade não é apenas ilustração de um aspecto do percurso da análise lingüística; é mais ainda – é um grande estimulador da leitura uma vez que demonstra como, para se perceber intertextos/interdiscursos, ou seja, alusões e entrelinhas, não é só a habilidade que conta, mas a leitura, e muita leitura. Um texto irônico é semanticamente mais rico do que qualquer outro. Quanto mais preparado o leitor, mais proveitosa será a leitura. É isso que Beth Brait ensina neste livro.

FIORIN, José Luiz. AS ASTÚCIAS DA ENUNCIÇÃO. São Paulo, Editora Ática, 1996.

*Maria Helena de Moura Neves**

Começemos pelo fim. José Luiz Fiorin abre as "Conclusões" de seu livro *As astúcias da enunciação* dizendo que a conclusão é o momento de atar as pontas. Entretanto, estamos diante de um livro que ata pontas do começo ao fim. Se não, que é isso de se conseguir colocar em poucas trezentas páginas todo o sistema dêitico da língua? De ponta a ponta o livro mostra como o "corpo imaginário" (o espaço) e o "movimento fictício" (o tempo), submetidos ao "sujeito" (a pessoa), adquirem realidade e vida na linguagem. De ponta a ponta interação sistema e discurso, instabilidade e estabilidade, ciência e arte, natureza e cultura, mito e História, afinal, barro e sopro.

O livro tem veios que vão desembocando com precisão na submissão do homem às coerções das três categorias enunciativas que lhe permitem passar do sistema ao discurso, das possibilidades às realizações, enfim, da rigidez estéril à instabilidade criadora. A essa questão magna, Fiorin chega já na Introdução, por via da análise do próprio princípio das coisas, aquele princípio no qual "erat uerbum" (p. 14). Nesse princípio das coisas, Fiorin instala o mito. Rebaixa, é verdade, o "uerbum" divino a mito, mas, por aí, acaba sacralizando todos os mitos.

Quando Fiorin diz que, enquanto a ciência não puder explicar a origem das coisas e o seu sentido, haverá lugar para o pensamento mítico, ele está dizendo que **sempre** haverá lugar para o **mito**, o qual, entretanto – pelo que se deduz do que o próprio autor apresenta –, é mais do que simplesmente "dar conta de" novos anseios, ou novos desejos do ser humano; é dar conta do profundo das coisas, das questões fundantes do espírito humano, do sentido da vida fora da História, da própria anticência.

O que este livro faz é arrancar o homem do mito, mostrando como toda a vida humana se marca pela temporalidade, pela espacialidade e pela actorialidade. Mas isso não é dito assim, sem que se sinta todo o peso dessa inscrição do homem na História. Numa passagem extremamente lúcida, o autor, ao interpretar a queda bíblica do homem, amarra o castigo recebido à hostilidade do tempo (já que a eternidade

* UNESP, C.Ar. / CNPq